

ISSN 0104-1886

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
CADERNOS DO I.L.
Nº 21 - 22

DEZEMBRO DE 1999



Impresso em abril de 2002

UFRGS
BIBLIOTECA SETORIAL DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANIDADES

Habilidade de compreensão oral em inglês: ponto de vista do aluno

Lourdes Marmet Thomas¹

Resumo: Listening comprehension tasks in the classroom do not always achieve their purpose, causing lack of interest and frustration on the part of the learner. Researchers have shown that to achieve efficiency the learner should be prepared to participate actively and strategically in understanding oral messages. The teacher, as a learning facilitator, needs to create situations that lower the anxiety of the learner. To survey learners' opinions of listening comprehension activities a specially designed questionnaire was applied to four groups of UFRGS Letters Course students of different English proficiency levels. The responses to the survey highlight some important aspects that should be considered when designing listening tasks for the classroom. This research was conducted as part of a doctoral programme linked to the ALESA Project of the Letters Post-Graduate Programme at UFRGS.

Palavras-chave: listening, learning strategies, foreign language

INTRODUÇÃO

A compreensão oral (doravante CO), tanto na comunicação em língua materna quanto na comunicação em língua estrangeira, é de importância fundamental. Grande parte do nosso tempo passamos ouvindo e tentando entender o que os outros querem nos dizer. Daí a importância de se trabalhar a CO desde a fase inicial de aprendizagem de uma língua estrangeira.

Na língua materna, as situações de ouvir e falar se dão nas mais variadas circunstâncias sem maiores problemas de entendimento. Podemos nos comunicar em lugares barulhentos, ou, então, com pessoas desconhecidas, ou ainda de forma

¹ Prof^a de Inglês do Departamento de Línguas Modernas do Instituto de Letras/UFRGS e doutoranda em Aquisição da Linguagem do PPG-Letras/UFRGS.

rápida e, mesmo assim, com raras exceções, somos capazes de entender e de nos fazer entender (Anderson & Lynch, 1988).

Ao se produzir a fala pode-se escolher, limitar os elementos lingüísticos que vai se usar, porém, ao se ouvir alguém falando não se tem o mesmo controle sobre o que está sendo emitido. Portanto, ao aprender uma língua estrangeira, não é suficiente para o aluno entender só aquilo que é capaz de usar, sua base receptiva tem de ser muito maior, deve ser comparável à base produtiva do falante nativo. O aluno precisa ser exposto a diferentes tipos de falantes, diferentes sotaques, níveis de linguagem, tópicos e situações variadas. O aprendiz da língua estrangeira pode ter aprendido a formular perguntas de forma correta, mas estará ele preparado para entender as respostas que serão dadas e que muitas vezes vêm numa torrente de sons ininteligíveis?

A COMPREENSÃO ORAL EM SALA DE AULA

A pergunta que surge quando se trata da CO em língua estrangeira no contexto da sala de aula é: até que ponto as atividades de escuta preparam o aluno para enfrentar situações reais de uso da língua?

Em sala de aula, são muitos os momentos em que se pratica a escuta, sendo o professor a fonte de insumo mais comum. O professor fornece insumo cada vez que usa a língua estrangeira para conduzir a aula, dar instruções, dar explicações gramaticais, narrar histórias, contar piadas, fazer comentários. Os alunos, por sua vez, podem se comunicar em pares ou em grupos usando a língua-alvo para resolver tarefas e têm, alternadamente, a oportunidade de desempenhar o papel de falante e ouvinte.

Essas formas de comunicação são válidas e necessárias, porém, são limitadas, não expõem o aluno a situações bem mais complicadas que terá de enfrentar na vida real. A fala modificada a que o aluno fica exposto ao interagir com professor e colegas se caracteriza por apresentar um vocabulário limitado, estruturas sintáticas bastante simplificadas, ritmo lento da fala, enunciação artificialmente clara dos sons, entonação e pronúncia prejudicada pela interferência da língua materna. É uma fala um tanto artificial que não tem muito a ver com a língua dos falantes nativos. O aprendiz está sendo exposto a um material limitado que pouco se parece ao que ele realmente precisa entender, caso venha a se expor a material autêntico na língua estrangeira.

Os textos que terá que entender se quiser realmente ser proficiente na língua-alvo, consistem de características totalmente diferentes da fala modificada a que está acostumado a ouvir em sala de aula. No discurso espontâneo do falante nativo, as pausas podem variar e a organização da fala se faz à medida em que o falante expõe os seus pensamentos. Muitas vezes o falante hesita, usa frases incompletas, muda o tom da conversa e o ouvinte tem que estar atento, usando toda a sorte de recursos que tem disponíveis para captar todas essas características do

discurso oral.

Muitas vezes o professor se limita a apresentar somente as atividades de CO do livro texto. Outras vezes, porém, num esforço maior, traz para a aula um falante nativo, ou apresenta um programa gravado em vídeo ou em áudio, material feito por nativos para nativos. Como o aluno reage frente a um material dessa natureza? Será que o professor esclarece ao aluno como se processa a escuta e seleciona atividades adequadas ao material?

Muitos pesquisadores questionam a maneira como o material autêntico é apresentado, bem como as tarefas que o aluno tem que desempenhar. Serão condizentes com o nível de proficiência do aluno? Como ele encara essas atividades? Será que as tarefas realmente concorrem para que o aluno se sinta mais seguro com relação à CO? Não podemos esquecer que esse material gravado depende de uma sala com boa acústica, de gravação de boa qualidade, de boas condições de aparelhagem, sem falar nas dificuldades do texto propriamente dito. As tarefas que solicitamos dos alunos após a escuta, estão à altura de seu nível de conhecimento? Será que não estamos pedindo algo muito difícil ou até mesmo impossível?

A escuta é um processo ativo, como bem frisa Underwood (1989), exige esforço da parte do ouvinte. O processamento da informação tem de ser feito rapidamente, não há tempo a perder, pois os sons se sucedem continuamente e o ouvinte tem que reconhecê-los e extrair significado dos mesmos. Para isso ele usa sua experiência, seu conhecimento de mundo, faz previsões, inferências e se prepara para modificá-las caso cometer enganos. Para entender mensagens orais, o aprendiz usa mais do que simplesmente seu conhecimento da estrutura da língua (sintaxe, fonologia, etc.), ele necessita situar a informação num contexto e relacionar o que foi dito anteriormente com o que vem logo a seguir. A bagagem do aluno que ouve é suficiente para entender a mensagem que vem do falante estrangeiro onde os pressupostos e as evidências são outras?

Será que as atividades que desenvolvemos em sala de aula preparam o aluno para aprender a ouvir? Ou será que estamos apenas testando a compreensão? Estão os alunos conscientes do que devem fazer para serem bem sucedidos? Eles são encorajados a usar estratégias de aprendizagem?

Mendelsohn (1994) propõe uma abordagem de ensino da CO baseada no desenvolvimento de estratégias. No capítulo 4 de sua obra, ele apresenta as características essenciais que delineiam o que seria um curso de CO baseado em estratégias. É de responsabilidade do professor ensinar os alunos a *como ouvir* e isso pode ser alcançado através do treinamento de estratégias que os tornarão ouvintes eficientes e autônomos (p. 130).

A OPINIÃO DOS ALUNOS QUANTO À COMPREENSÃO ORAL

As turmas de alunos da disciplina de língua inglesa dos cursos de

bacharelado e licenciatura da UFRGS comportam um número misto de alunos no que se refere à proficiência. Não importa se a disciplina é de primeiro, segundo ou até mesmo oitavo semestre, sempre haverá uma mistura de níveis de proficiência, isto é, encontrar-se-ão alunos com menos ou mais conhecimento da língua, com menos ou mais prática nas diversas habilidades. Por esse motivo, o professor deve considerar o sentimento de frustração que certos alunos carregam e que lhes prejudica a participação em sala de aula quando têm que realizar uma tarefa que pode ser aceitável a seus colegas mais proficientes, porém, para eles é muito mais difícil. É importante que o professor perceba isso e ajude o aluno a superar esse sentimento, encorajando-o a buscar seus próprios meios para melhorar seu desempenho.

Sabendo da dificuldade que muitos alunos passam ao serem submetidos a exercícios de CO, resolveu-se fazer uma consulta para saber sua opinião com relação à importância da CO na aprendizagem da língua estrangeira, bem como a sua percepção do trabalho que é desenvolvido nessa habilidade em sala de aula.

O resultado dessa consulta servirá para uma reflexão com relação à maneira como se desenvolvem, em sala de aula, as atividades de CO e até que ponto elas contribuem para a aquisição da língua estrangeira. Com isso, quer-se revisar práticas não tão eficientes e buscar outras formas de se trabalhar essa habilidade, com vistas a oportunizar o aluno a melhorar seu desempenho.

Um questionário escrito foi aplicado a quatro turmas de alunos de língua inglesa de vários níveis de proficiência. Ao todo foram 33 sujeitos, adultos, de ambos os sexos, com idade variando entre 20 a 49 anos, sendo que 84% tinham, então, entre 20 a 28 anos. Havia dois grupos de Inglês VII, um com nove e outro com seis alunos, um grupo de Inglês V com nove alunos e um grupo de Estudos Complementares de Inglês I, com nove alunos provindos de turmas de Inglês III, IV, V, VI, além de um graduado. Os sujeitos foram submetidos a atividades de CO antes de responderem ao questionário, com exceção do grupo de Inglês VII de nove alunos que estavam sendo atendidos por outra professora.

As perguntas do questionário foram as seguintes:

1. Qual a importância que você dá à prática da compreensão oral no aprendizado da língua estrangeira? Justifique.
2. Na sua opinião, as atividades desenvolvidas em aula lhe ajudaram ou lhe ajudam efetivamente a entender melhor a língua falada?
3. Fora da sala de aula, você procura ouvir textos orais nessa língua? Em caso afirmativo, em que situações isso ocorre?
4. Você experimenta ansiedade quando participa de atividades de compreensão oral em sala de aula, ou em outras situações? Que fatores impedem uma melhor compreensão?
5. Dentre as formas de apresentação do material escutado, ou seja, gravador, vídeo, falante nativo, professor, colega, quais você acha melhor para ouvir e mais

eficientes para desenvolver sua habilidade de compreensão oral? Justifique.

6. Você acha necessário aprender a entender mensagens orais autênticas, do tipo que se encontra no ambiente natural onde a língua é falada? Explique.

Passo agora a examinar as respostas que os alunos deram às perguntas do questionário.

1. Importância da compreensão oral no aprendizado da língua estrangeira

No que se refere à importância da CO no aprendizado da língua estrangeira, os quatro grupos foram unânimes em apontar a sua extrema importância. As respostas incluíam termos, tais como, *fundamental, total importância, essencial, suma importância, muito importante, extremamente importante*. Somente um aluno respondeu que era *tão importante quanto às demais habilidades*. Nas justificativas apresentadas estão as de que *é importante para a comunicação, prepara para situações reais, aprende-se novas estruturas e vocabulário, promove fluência, ajuda a pronúncia, acostuma o ouvido, deveria ser disciplina separada e obrigatória em todos os semestres, fundamental para viagens*.

Verifica-se, com essas respostas que os alunos demonstram apreciar o valor da CO no aprendizado da língua estrangeira, e afirmam, além disso, que é essencial para a comunicação. Certamente esse é um ponto bastante positivo para o desenvolvimento dessa habilidade e favorece o trabalho do professor.

2. As atividades de compreensão oral desenvolvidas na sala de aula

Dos 33 alunos, 21 concordam que as atividades em aula ajudam a entender melhor a língua falada. Nas respostas, os alunos comentam que o inglês ouvido em aula foi o contato mais direto que tiveram com a língua oral, o treino ajuda a assimilar as características da fala, as aulas administradas em inglês favorecem a prática oral, alguns lamentam o fato de não terem tido treinamento oral no I e II graus, outros acrescentam que nas atividades de aula aprendem-se sotaques diferentes, aprende-se a pronúncia das palavras e também formas coloquiais da língua e, ainda, que as atividades ajudaram a melhorar o desempenho na língua. Alguns alunos, no entanto, não parecem tão satisfeitos, conforme podemos ver pelas respostas abaixo:

No começo do curso de Letras, não, pois havia preconceito dos que já sabiam mais com aqueles que ainda estavam aprendendo, então me inibia em falar em aula, o que me prejudicava. À medida que as turmas foram diminuindo e o nível foi se equivalendo, as atividades orais foram melhor desenvolvidas, pois o grupo era menor e todos tinham a mesma oportunidade. (V semestre)

Em muitas atividades o aluno é exposto apenas com a intenção de se

obter avaliação e em muitos casos os recursos de áudio são precários (...). Eu penso que se poderia criar situações em que o aluno se sentisse mais confortável e não intimidado. (V semestre)

Até então acredito que a CO não foi bem desenvolvida em aula (não estou considerando esta disciplina na minha resposta). (IV semestre)

Um pouco, pois temos recursos escassos. Deveríamos ter mais salas apropriadas e aparelhos também para melhorar a audição. As atividades em aula são bem intencionadas, porém os equipamentos não ajudam muito. (IV semestre)

Nem sempre, a ênfase dada na língua escrita e na língua formal é maior. (VII semestre)

Depende do professor. Alguns têm somente o livro como base (...) aprendizado maçante e repetitivo. Outros professores, felizmente, trazem vários materiais extras (...). (VII semestre)

(...) As aulas não tiveram influência muito grande no desenvolvimento dessa habilidade em mim. (VII semestre)

Apesar de quase inexistente a atividade nesta habilidade, cada vez que a gente se expõe a ela, sai enriquecido. (VII semestre)

Algumas vezes ajudam, às vezes atrapalham, má qualidade - é horrível não entender.

Diferentes níveis de proficiência numa mesma turma ocorrem e o professor precisa ficar atento e procurar evitar situações de constrangimento que afetam e prejudicam o desempenho dos alunos menos proficientes. Uma preparação prévia sobre o texto que vai ser apresentado ativa o conhecimento individual do aluno sobre o tópico e estabelece certas expectativas que favorecem a compreensão. As tarefas também precisam ser muito bem pensadas no sentido de se propor o que é possível dentro da situação que se tem. Deve-se evitar o uso de tarefas simplesmente com o propósito de 'testar' a compreensão do aluno. Underwood (1989) diz que o objetivo do professor deveria ser ajudar o aluno a entender em que consiste a CO e como deve ser encarada, o que pode levar a uma mudança de atitude principalmente se houve tentativas frustradas anteriormente. Cabe ao professor recuperar a confiança do aluno na habilidade de CO, providenciando atividades que o levem a ser bem sucedido (pp.21-22).

3. Prática da compreensão oral fora da sala de aula

Todos os alunos responderam afirmativamente à pergunta sobre a prática

da CO em situação extra-classe, embora alguns confessassem a falta de tempo disponível para fazê-lo mais frequentemente. As situações mais comuns mencionadas foram ouvir música, assistir filmes e programas variados na tv. Uma aluna também pratica inglês em seu trabalho comunicando-se com falantes nativos e outros dois alunos praticam inglês com seus colegas de trabalho. Alguns mencionaram o fato de que evitam ler as legendas quando assistem filmes e um aluno comentou que usa a tecla SAP da televisão, que lhe permite ter as legendas em inglês, enquanto ouve os diálogos. É importante evitar ler as legendas em português porque assim fazendo o aluno pode se concentrar melhor no texto oral com todas as suas peculiaridades, praticando realmente a escuta. Caso contrário, se ele estiver lendo as legendas na sua língua materna sua compreensão da mensagem pode ocorrer mais pela leitura do que pela escuta. Embora os alunos tenham respondido afirmativamente à pergunta 3, não se pode precisar o quanto e quão frequentemente eles praticam a CO fora do ambiente de aula, já que a pergunta não contemplava essa informação. O tempo usado na exposição à língua oral é muito importante e o aluno necessita fazê-lo intensa e extensamente para realmente se tornar proficiente. Quanto mais o aluno receber treinamento adequado na sala de aula, mais ele se sentirá encorajado a buscar a aprendizagem autônoma.

4. A ansiedade nas atividades de compreensão oral

A ansiedade que as atividades de CO num contexto instrucional causam são bem conhecidas. Vogely (1998) em um estudo, no qual participaram 140 estudantes de espanhol de nível médio, averiguou as causas da ansiedade e as soluções propostas pelos estudantes para aliviá-las. As duas principais causas levantadas foram: a) características do insumo, muito rápido, diferentes sotaques, vocabulário desconhecido; e b) aspectos relacionados ao processo da CO, tais como, estratégias inapropriadas (tentar entender palavra por palavra). Essas questões são também levantadas em nosso questionário quando se pergunta aos alunos se sentem ansiedade nas atividades de CO.

No levantamento das respostas, 9 alunos (27%) responderam que não sentem ansiedade, ou sentiam e agora não sentem mais, 22 alunos (67%) responderam sim, que sentem ansiedade e 2 alunos (6%) responderam que sentem um pouco de ansiedade ou sentem ansiedade algumas vezes. No que se refere aos fatores que impedem uma melhor compreensão, foram mencionados o pouco domínio da língua, falta de prática em ouvir a língua falada, preocupação em entender tudo, falta de concentração, medo de errar, má qualidade do som e clima de sala de aula não propício.

Como se pode deduzir há, de modo geral, um clima de insegurança com relação às atividades de CO, ocasionado pela falta de preparo do aluno em lidar com os sons da língua-alvo. Ele precisa de uma orientação de como ouvir, de como usar estratégias apropriadas que lhe digam para não se preocupar com as partes que

não consegue entender, que procure usar seu conhecimento de mundo e relacioná-lo com o que está ouvindo, que faça inferências, que acione seu esquema (*schemata*), isto é, suas expectativas de como o conteúdo do discurso se desenvolverá.

5. Materiais mais eficientes

Os materiais ou fontes de escuta que geralmente são usados em sala de aula são: gravador, vídeo cassete, falante nativo, professor e colegas. Perguntamos aos alunos quais desses materiais são melhores e mais eficientes para ouvir. As respostas em ordem de preferência incluíam: vídeo (21 alunos), falante nativo (19 alunos), professor (15 alunos), colegas (6 alunos) e gravador (4 alunos). Cinco alunos responderam que todas as formas eram boas e um aluno respondeu que qualquer forma era boa. As justificativas apresentadas se referiam ao uso de material em vídeo porque as imagens favorecem a compreensão e porque se pode assistir várias vezes o mesmo programa; no que se refere ao falante nativo a justificativa foi de que fala a língua real; o professor e os colegas porque falam mais claro, dão mais segurança, porém, podem cometer erros e, finalmente, o gravador que foi considerado, assim como o vídeo, mais fiel à língua original e, também, por poder ser repetido. Não foi especificado que por ser somente um recurso de sons e não imagens, as mensagens transmitidas pelo gravador são mais difíceis de entender, porém, isso pode ficar subentendido pelo fato do gravador ter sido mencionado por um número pequeno de alunos. Um aluno chamou a atenção sobre a eficácia da interação em sala de aula para desenvolver a CO.

Pelas respostas dos alunos concluímos que eles percebem a importância de se usar material que caracteriza situações reais de uso da língua e que possa ser compreendido, ou por oferecer a vantagem das imagens (vídeo), ou por proporcionar a interação (falante nativo, professor, colegas).

6. Importância do contato com a língua autêntica

Ao serem questionados acerca da necessidade de entender mensagens orais autênticas, daquelas que aparecem em materiais feitos por falantes nativos para falantes nativos, praticamente todos os alunos concordaram que é importante. Só houve um aluno que respondeu negativamente, justificando que às vezes não entendemos nem nossa língua materna. Suspeito, nesse caso, que talvez o aluno não tenha entendido bem a pergunta. As explicações que os alunos deram nas suas respostas é que entender a língua como ela é falada em situações reais nos dá condições de nos comunicarmos com falantes nativos, de conhecer a cultura, de poder viajar, de estarmos mais preparados para a profissão de professor, tradutor ou intérprete. A falta desse preparo pode levar a situações do tipo que um aluno mencionou, ou seja, o fato de ter tido grande dificuldade em se comunicar com falantes nativos ao viajar para país de língua inglesa. E para todos que já passaram

por essa experiência pode-se muito bem entender o quão frustrante esse fato pode ser.

O material adaptado e/ou modificado tão comum nos exercícios que aparecem em livros textos dão ao aluno a falsa impressão de que sabem inglês, de que estão preparados para situações reais de uso da língua. Somente quando se defrontam com textos autênticos gravados ou na forma de palestras ao vivo ou, ainda, nas raras vezes que têm oportunidade de se comunicar face a face com falantes nativos, é que os alunos sentem não estarem preparados adequadamente para entenderem mensagens orais.

CONCLUSÃO

As oportunidades de uso da língua oral tanto para a produção (fala) quanto para a recepção (escuta) são muito mais frequentes atualmente. A facilidade de se adquirir filmes em vídeo, a possibilidade de se assistir a programação da televisão de outros países em nossa própria residência com a introdução da tv a cabo, a intensificação do intercâmbio turístico, cultural, econômico e social entre as nações devido à globalização cada vez mais presente no nosso dia a dia, proporcionam inúmeras maneiras de contato com a língua estrangeira.

Vogely (1998) conclui seu trabalho dizendo da importância de se trabalhar a CO em sala de aula mudando o enfoque das atividades para o entendimento da mensagem ao invés da correção da língua. Isso levará ao aumento da motivação e, conseqüentemente, diminuirá o medo do aluno de cometer erros e o encorajará a se expor mais freqüentemente a situações na língua-alvo, onde terá que tentar entender o que está ouvindo.

Pelas respostas dadas pelos alunos, verifica-se, com algumas exceções, que os alunos carecem de uma melhor preparação se quiserem realmente se tornar bons profissionais na língua que escolheram. Excluindo motivos do tipo, falta de tempo, pouco acesso a meios de comunicação mais sofisticados (tv a cabo, por exemplo), há, principalmente, a falta de confiança, conseqüência da falta de preparo para encarar uma programação em língua estrangeira, sem a ajuda de legendas ou dublagem.

Apesar de os alunos responderem enfaticamente que a CO é essencial, ou que é muito importante para a aprendizagem de língua estrangeira, nota-se que ao responderem sobre o seu interesse em ouvir a língua estrangeira fora da sala de aula, a maioria se restringe a filmes e músicas. Além disso, foram poucos os alunos que especificaram que vêem filmes sem legendas.

Portanto, a menos que o aluno realmente se exponha à língua oral, desempenhando um papel ativo na compreensão, não terá muita chance de desenvolver a habilidade de compreensão oral. Cabe ao professor entusiasamá-lo a se valer dos recursos disponíveis, sempre que possível, e expor-se intensa e extensivamente à prática da audição em língua estrangeira.

BIBLIOGRAFIA

- ANDERSON, A. & LYNCH, T. *Listening*. Oxford, Oxford University Press, 1988.
MENDELSON, D. *Listening*. San Diego, Dominie Press, 1994.
UNDERWOOD, M. *Teaching Listening*. New York, Longman, 1989.
VOGELY, A. J. "Listening Comprehension Anxiety: Students' Reported Sources and Solutions". *Foreign Language Annals*, no.31 (1), 1998, pp. 67-80.

Aquisição de Vocabulário em Contextos Instrucionais

Marcelo Zilles¹

INTRODUÇÃO

A aquisição de vocabulário tem sido novamente foco de grande discussão. Enquanto algumas pesquisas como as de Paribakht e Wesche (1999) evidenciam a aquisição de vocabulário de maneira indireta (através de leitura), outros autores como Anita Sökmen (1997), da Universidade de Washington, advogam um retorno ao ensino explícito de vocabulário.

No contexto instrucional em que trabalho, o ensino de vocabulário ocorre de uma maneira eminentemente explícita, com pouca ênfase na aquisição indireta. O que desejo verificar é se uma maior exposição a vocábulos novos dentro de um contexto de leitura, de uma maneira mais indireta, irá auxiliar os aprendizes a adquirir estes vocábulos de uma maneira mais eficiente do que o ensino explícito dos mesmos.

De modo a realizar esta pesquisa, é necessário que conheçamos as bases teóricas da aquisição de vocabulário. A presente monografia tem o objetivo de ilustrar e discutir aspectos teóricos e práticos de aquisição de vocabulário, e está dividida em três partes. Na primeira parte, estarei analisando o que significa a aquisição de um vocábulo e aspectos gerais referentes à área, além de discutir o histórico do ensino de vocabulário em contextos instrucionais. Na segunda parte, discutirei aspectos teóricos e estudos relativos à aquisição indireta de vocabulário. Finalmente, na terceira parte, tratarei do ensino explícito de vocabulário – o que é, como e por quê fazê-lo e exemplos de estudos e técnicas utilizadas.

VOCABULÁRIO E AQUISIÇÃO

Por que estudar a aquisição de vocabulário? De que consiste um vocábulo? Quantas palavras um aprendiz de língua estrangeira deverá saber de modo a conseguir se comunicar bem nesta língua? Quais são estas palavras? Como o vocabulário tem sido visto através da história? Como o aprendiz pode adquirir

¹ Mestrando em Estudos da Linguagem do PPG-Letras da UFRGS